

# O gênero charge: humor e crítica para a formação de leitores

The charge genre: humor and critical for the formation of readers

**Camila Alvares**

[mila.alvares@hotmail.com](mailto:mila.alvares@hotmail.com) - Universidade Estadual de Londrina

**Sandra Aparecida Pires Franco**

[sandrafranco@uel.br](mailto:sandrafranco@uel.br) - Universidade Estadual de Londrina

## Resumo

Historicamente, os suportes textuais sempre se fizeram presente na vida do homem, e, com o tempo evoluíram e tornaram-se mais acessíveis. Na contemporaneidade, os gêneros textuais circulam amplamente na sociedade, em seus devidos suportes e, representam todos os textos que estão presentes em nosso dia-a-dia, com o objetivo de comunicação e, como tal, são históricos e socialmente elaborados. Em meio aos diversos tipos de linguagens presente no cotidiano humano, as charges, especificamente, exercem interação entre a linguagem escrita e a linguagem visual, convertendo-se em um importante instrumento de difusão cultural e de formação educacional para sujeitos de diferentes faixas etárias. A escola ao se constituir como parte integrante da vida do aluno, em qualquer que seja a instância de ensino, não pode se ausentar, principalmente, no estudo acerca dos gêneros textuais. Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo compreender as possibilidades de trabalho com a linguagem a partir da leitura do gênero charge. Para tanto, o estudo encontra-se fundamentado em uma pesquisa descritiva, na qual se recorreu a autores que debatem a temática e em uma pesquisa de campo, em que se buscou a coleta de dados empíricos por meio de questionário junto a alunos de um curso de Pós-Graduação em Educação de uma Universidade do Estado do Paraná. Dessa forma, podemos concluir que se faz necessário uma tomada de consciência acerca do importante papel dos gêneros como objeto e instrumento de trabalho do professor, com vistas ao desenvolvimento de capacidades como a linguagem, a criticidade e a reflexão do educando.

**Palavras-Chave:** Gêneros Textuais. Charge. Sociedade Capitalista. Alienação.

## Abstract

Historically, textual media always made this man's life, and over time have evolved and become more accessible. In contemporary times, the textual genres, whether classical or modern, oral or written, circulated widely in society, in their proper brackets and represent all the texts that are present in our day-to-day, for the purpose of communication and as such, are historical and socially prepared. Amid the various types present in everyday human languages, cartoons, specifically exert interaction between written language and visual language, becoming an important tool for cultural dissemination and educational training for subjects of different ages. The school is to be an integral part of student life, in whatever instance teaching, be absent, especially in the study of textual genres. In this sense, this article aims to understand the possibilities of working with the language from reading the cartoon genre. Thus, the study is based on a descriptive study in which appealed to authors who discuss the topic and a field study that sought to collect empirical data by means of a questionnaire to students a course of Postgraduate Education of a large University of Paraná. Thus, we can conclude that it is necessary to increase awareness about the important role of gender as an object and instrument of the teacher's work, with a view to developing skills such as language, and critical reflection of the student.

**Keywords:** Textual Genres. Charge. Capitalist society. Alienation.

## **I**ntrodução

O trabalho ora proposto é resultado dos estudos e discussões feitos na disciplina sobre Leitura e Educação: Práticas Pedagógicas, do Programa de Pós-Graduação em Educação de uma Universidade Estadual de grande porte do Estado do Paraná, que dentre os vários objetivos, procurou proporcionar aos alunos o entendimento de variadas dimensões presentes nas diferentes linguagens, sendo elas culturais, políticas, epistemológicas, ética, psicológica e estética, com vistas ao desenvolvimento de estratégias educativas de leitura baseadas em uma abordagem sócio histórica e crítica.

Diante da leitura de textos e dos debates realizados em sala de aula, surgiu a necessidade de pensar o uso de charges como gênero textual nos processos de ensino e de aprendizagem. Dessa forma, indagações surgem e suscitam respostas para a seguinte problematização: Como a leitura de charges pode ser trabalhada em sala de aula?

Na tentativa de buscar respostas para a pergunta, a presente pesquisa tem como objetivo geral compreender as possibilidades de trabalho docente com a linguagem por meio de charges, a fim de que os professores possam traçar estratégias rumo a um ensino de qualidade que vise a formação integral do sujeito, e como objetivos específicos: identificar a importância do uso de diversas linguagens nos processos de ensino e de aprendizagem a fim de utilizá-las na formação de leitores; reconhecer o gênero textual da charge como recurso do processo de ensino, a fim de que seja utilizado no cotidiano de sala de aula; analisar as principais dimensões presentes em uma charge, tendo como base as inferências de alunos de um curso de Pós-Graduação em Educação a fim de demonstrar como este recurso pode auxiliar na formação da criticidade.

Com o intuito de alcançar tais objetivos, primeiramente realizou-se um levantamento bibliográfico e uma discussão acerca do uso de diferentes linguagens em sala de aula, para qualquer nível de ensino e, apresentamos a charge como recurso que possibilita o desenvolvimento dos processos de ensino e de aprendizagem. Em seguida foi feita uma pesquisa, por meio de um questionário, com alunos de um Curso de Pós-Graduação em Educação. Por fim, foram realizadas análises e inferências das respostas dos alunos, acerca das contribuições do gênero proposto, em que foram abordadas algumas das possíveis dimensões trazidas pela charge.

Esta pesquisa atenta-se para aplicabilidade deste gênero textual em sala de aula, principalmente, no que diz respeito a sua função de desenvolver a análise e a criticidade do sujeito perante a realidade em que se encontra inserido.

## Do registro nas cavernas ao e-mail: a evolução do gênero textual

Desde os primórdios da humanidade, os suportes textuais já se faziam presente na vida do homem e, com o tempo foram evoluindo tornando-se cada vez mais acessíveis e de fácil utilização. A diversidade é tamanha na medida em que se iniciaram pelas paredes das cavernas, passaram à pedra, depois à tabuleta, deu-se um salto ao pergaminho, ao papel, ao *outdoor* e, agora, a *internet*.

No presente século, os gêneros textuais circulam amplamente na sociedade, em seus devidos suportes. Para Lessa (s.d.), a palavra gênero foi frequentemente usada pela literatura e pela retórica com a finalidade literária, dentre a qual se encontram os gêneros clássicos (lírico, épico, dramático) e os gêneros modernos (romance, novela, conto, drama, entre outros).

Lessa (s.d) ainda complementa ao afirmar que Bakhtin – pesquisador russo que dedicou seus estudos a linguagem e a literatura – foi o primeiro pesquisador a utilizar o termo gênero em tipos textuais de comunicação da vida cotidiana, o que proporcionou um sentido mais amplo a esta palavra. Para ele, toda produção textual, seja ela oral ou escrita, converte-se em um gênero textual, pois, possuem características próprias e apresentam três aspectos básicos que se entrelaçam: o assunto, a estrutura e o estilo. Além disso, a criação de um gênero deve considerar quem e o modo como está falando, para quem se está falando, qual é o seu objetivo e qual é o assunto abordado.

Dessa forma, os gêneros textuais representam todos os textos que estão presentes em nosso dia-a-dia, com o objetivo de comunicação, como tal, são históricos e socialmente construídos, conforme nos mostra Marcuschi (s.d., p. 4),

Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros.

Assim, múltiplos são os gêneros textuais encontrados nas diferentes esferas sociais as quais os sujeitos frequentam, como os mais comuns: telefonema, carta, romance, bilhete, reportagem, aula, reunião, horóscopo, receita, bula, lista de compras, cardápio, outdoor, resenha, piada, conferência, *e-mail*, entre tantos outros.

Nesse sentido, é que o sujeito, ao viver em uma sociedade da informação e da comunicação, não pode se prender a leituras que conduzem a uma única interpretação, estável e universal. Por isso, o essencial é que ele possa compreender as diversas linguagens que o cercam, por exemplo, a pintura, o cinema, o teatro, a propaganda, as histórias em quadrinhos, as charges e outras.

Em virtude dos estudos da linguagem é possível significar as práticas sociais e reconstruir as relações do sistema social, histórico e cultural, devido a isso é que estes sempre se fizeram presentes na sociedade.

Souza (2000, p. 20), nos afirma que a produção de um gênero é marcada por quatro momentos, delineados da seguinte forma: “a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio”. Portanto, segundo esta perspectiva uma obra só está devidamente acabada quando adquire repercussão e atuação, uma vez que todo tipo de arte, seja da literatura quando plástica, constitui-se de um sistema simbólico de comunicação inter-humana. É o público o responsável por atribuir sentido a uma obra, assim, sem sua presença o autor não consegue se realizar, “pois, ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador” (SOUZA, 2000, p. 33). A obra responsabiliza-se por fazer a ligação entre o autor e o público. Desse modo, toda obra que tem como objetivo a comunicação, pressupõe a composição entre artista (aquele que fala, que comunica), obra (o que é dito, o comunicado), público (a quem é obra é destina, o comunicando) e efeito (o que ela causa no estado da pessoa).

Para Luciano (s.d.), o gênero surgiu tradicionalmente na poética, isto é, de uma reflexão da literatura, porém, recentemente desdobrou-se para diversos tipos de produções verbais, assim, todos os textos acabam por pertencer, de alguma forma, a um gênero. Nesse sentido, a autora supracitada, se apropria das ideias de Maingueneau (2001) e afirma que para um texto ser concebido como um gênero precisa estar composto por cinco elementos: 1) Uma finalidade reconhecida, pois busca certa transformação da real situação em que o grupo a quem se destina se encontra; 2) O estatuto de parceiros legítimos, isto é, a determinação de quem produz e para quem é produzido o gênero; 3) O

lugar e o momento legítimos, ou seja, o texto deve abranger um determinado lugar e momento histórico; 4) Um suporte material, pois, há a necessidade de ser transmitido de algum modo, uma vez que se encontra inseparável de seu modo de existência material; 5) Uma organização textual, portanto, tem de estar relacionado a uma determinada organização textual.

Nesse sentido, cabe-nos analisar se a charge é um gênero do discurso, isto é, se possui uma finalidade reconhecida, um estatuto de parceiros legítimos, um lugar e um momento legítimo, um suporte material e uma organização textual.

## Charge: um gênero textual do cotidiano

Em meio aos diversos tipos de linguagens presente no cotidiano humano, as charges, especificamente, exercem interação entre a linguagem escrita e a linguagem visual, convertendo-se em um importante instrumento de difusão cultural e de formação educacional para sujeitos de diferentes faixas etárias.

A palavra charge tem sua origem etimológica no francês *charger* que significa carga, carregar, no sentido de exagerar e até mesmo atacar violentamente. Nesse sentido, charge é uma composição literária mordaz, isto é, uma ilustração humorística cujo objetivo é ironizar com base no humor algum acontecimento da atualidade.

Por meio dessas características, o chargista faz grandes e fortes críticas à ideologia e aos problemas sociais existentes e, conseguem atingir um grande público, uma vez que comumente são publicadas em jornais ou revistas, além de que com o advento da tecnologia e da informação estão completamente acessíveis na *internet*. Porém, é necessário estar informado de tais acontecimentos, sejam eles regionais, nacionais ou internacionais, para que se faça uma boa interpretação e inferência acerca do significado que a charge se propõe a fazer. Em concordância, Oliveira (2001, p. 265 *apud* Luciano s.d, p. 5) nos diz que,

Como qualquer discurso fundado na linha do humor, os textos de charge ganham mais força expressiva quando a sociedade enfrenta momentos de crise, pois é a partir de fatos e acontecimentos reais que o artista tece sua crítica em um texto aparentemente despretensioso.

Na medida em que a charge tem como objetivo retratar por meio da sátira e da crítica determinado acontecimento, possui sim uma finalidade reconhecida, bem como um

lugar e um momento legítimo. Dessa forma, também possui um estatuto entre parceiros, uma vez que o chargista refere-se ao produtor e o leitor ao receptor. Nesse movimento, o suporte material pode ser qualquer meio de comunicação pelo qual a charge é veiculada, seja revista, jornal, televisão, internet e outro. Por fim, a charge igualmente possui uma organização textual, devido ao fato de apresentar certa rigidez na sua organização, em outras palavras, constitui-se de uma articulação verbal com pequenas frases e falas e, uma articulação não verbal referente às imagens.

Portanto, considerando que a charge apresenta todos os elementos apontados por Maingueneau e citados por Luciano (s.d.), ela pode sim ser concebida como um gênero e trabalhada com várias finalidades, uma vez que não é neutra, ou seja, é carregada de crenças, valores e ideologias por meio da linguagem e da história. Destarte, a charge pode ser considerada como um meio de produção de sentidos.

A charge é um instrumento que faz uso do verbal com propósitos específicos e, do não verbal como meio de chamar a atenção do leitor. Estas estratégias possibilitam a aquisição de sentidos por parte do leitor.

Historicamente, a charge surgiu na França, como forma de protesto a não liberdade de expressão da imprensa, que naquele momento histórico era fortemente controlada pelo Estado. No Brasil, a primeira charge foi publicada em 1837 por Manuel José de Araújo Porto-Alegre, um pintor e caricaturista que também exercia cargos no ensino e na política, e que intitulou sua obra de *A campanha e o Cujo*, na qual retrata as disputas políticas do período regencial.

As charges têm como suporte o jornal e, conseqüentemente, um determinado tipo de leitor, porém, ela também se encontra muito presente na *internet*, tanto em *sites* de informações quanto de entretenimento. Essa alteração de suporte também gerou a alteração do público, atingindo mais efetivamente o universo virtual de leitores, comumente protagonizado por adolescentes e jovens.

Enquanto texto de circulação social, para Magalhães (2006) a charge está atrelada à necessidade do homem de produzir críticas à sociedade em que se encontra inserida, principalmente ao sistema sócio-político e àqueles que detêm o poder político e/ou econômico.

A leitura da charge pode mudar de acordo com seus interlocutores, na medida em que é capaz de provocar em cada leitor um posicionamento diferenciado perante a mesma. Assim, segundo para (s.d., p.10) “é nessa interação dialógica que se dá o

entendimento do discurso midiático e da crítica mordaz [...] por meio de sátira, ironia, zombaria, e outros recursos linguísticos e gráficos visuais presentes na charge”.

Diante disso, a charge pode ser vista como uma prática social, na medida em que sentidos são introduzidos na relação estabelecida entre texto-autor-interlocutor.

## **A charge e sua aplicabilidade em sala de aula**

A escola em qualquer que seja o nível – Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Graduação ou Pós-Graduação –, em algum momento, faz parte do cotidiano de boa parte da população. Constituindo-se como parte integrante da vida do aluno ela não pode se ausentar, principalmente no ensino acerca dos gêneros textuais. Assim,

[...] parte-se da premissa que ensinar a língua sugere ensinar o domínio de diversos gêneros do discurso e, também, gêneros das instâncias públicas de uso da linguagem, tornando este um relevante processo, provocando um confronto dialógico entre diferenciadas posições apresentadas pelos sujeitos na escola (LESSA, s.d., p. 14).

Entretanto, a atividade de leitura na escola tem sido difusa, utilizada como pretexto para fazer cópias e resumos sem sentido algum. Para Rojo e Cordeiro (2004) é comum as práticas escolares centrarem-se na formação de leitores com capacidades básicas de leitura, relacionadas à mera extração de informações de texto moderadamente simples. Assim, o que importa é que o enfoque dado aos textos e a ao seu uso em sala de aula adquira uma nova postura, objetivando as significações que estes não apenas suas propriedades formais. A leitura de um gênero implica a atividade de procura de conhecimentos relevantes para a compreensão do gênero, fornecendo pistas para a aquisição de novos conhecimentos.

Em concordância, Silva (s.d.) afirma que a leitura significa “ler textos é apreender seus múltiplos sentidos, para então passar ao entendimento de sua organização interna, interativa e semântica” (SILVA, s.d, p. 8).

De acordo com Schneuwly (2004), o professor pode estabelecer suas estratégias de ensino de modo a buscar intervenções na sala de aula que possibilite a mudança do aluno em relação ao domínio sobre os gêneros e a comunicação que estes permitem. Desse modo, o trabalho com gêneros textuais pode ocorrer em todos os níveis de escolaridade, uma vez que possibilita a aquisição de inúmeros conhecimentos aos alunos.

Para Schneuwly (2004), as contribuições pedagógicas com gêneros proporcionam diferentes caminhos para o acesso à escrita. Didaticamente proporcionam a definição de especificidades de funcionamento dos diferentes gêneros e tipos, de modo que se faça a comparação de textos. Psicologicamente, há inúmeras operações de linguagem que estão intimamente relacionadas ao agrupamento de gêneros e demandam um ensino-aprendizagem direcionado. Do ponto de vista das finalidades sociais, exigem o desenvolvimento das capacidades dos educandos em domínios diversos com vistas à reflexão acerca da relação do homem com ele próprio e com o mundo.

A instituição escolar pode desenvolver atividades coerentes com base em textos que sejam do interesse e façam parte do contexto e universo dos alunos, sabendo, é claro, respeitar a idade e série em que tal gênero será trabalhado. Há de se considerar que o trabalho com gêneros textuais diversificados não pode centrar-se apenas no pretexto de ensinar ortografia e gramática, pelo contrário, há outros aspectos que podem ser abordados, isto é, há inúmeras dimensões, tais como, conceitual/científica, histórica, econômica, social, legal, religiosa, cultural, afetiva, psicológica, política, estética, filosófica, doutrinária, ideológica, operacional, entre outras, conforme os escritos de Gasparin (2012).

Nesta proposta, usar as charges no processo de ensino é usar textos que estão presentes no contexto de letramento dos alunos, “assim, a forma de trabalhar com a língua passa a ser uma atividade social e crítica, exercendo uma leitura de mundo cidadã” (LESSA, s.d., p. 5). Além disso, posto que o gênero assume todo tipo de comunicação, o procedimento realizado na análise da charge pode ser aplicado tanto com a expressão oral quando com a expressão escrita.

Na medida em que propomos o trabalho com charge, reconhecemos e destacamos sua importância no processo de ensino e de aprendizagem em sala de aula, uma vez que, a escola torna-se um espaço propício para desenvolver a leitura da charge e formar a opinião.

O trabalho por parte do professor com o gênero textual charge, possibilita o entendimento da função social, dos aspectos culturais políticos, bem como das características e significados desta. A análise da realidade atual do mundo, por meio desta linguagem, contribui na medida em que amplia as capacidades linguísticas e discursivas do aluno, além de desenvolver sua criticidade. Os professores podem aperfeiçoar sua prática pedagógica, tendo como objetivo a formação de um sujeito ativo e participativo, capaz de compreender e mudar a realidade na qual se encontra inserido.

## A leitura dos implícitos: análise de charge

Para poder compreender os processos de ensino e de aprendizagem, foi aplicado um questionário relacionado à atividade de análise de charge, com onze alunos de um Curso de Pós-Graduação em Educação, de uma universidade pública do Estado do Paraná.

Figura 1



Fonte: <http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=170&evento=34>

A charge foi extraída do portal Dia a Dia Educação, da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, e mostra uma sala de aula com alunos dispostos em filas e portando um equipamento similar a um capacete, com a palavra *Tests*, em suas cabeças o qual os impede a visão. Vê-se, ainda, uma aluna observando a paisagem externa da sala de aula por meio de uma janela, que espantada com o que vê, menciona: “*Sounds good to me!*” (que na versão em português aparece como: “Que sons legais...”) Destarte, temos a figura da professora retirando-a da janela e dizendo: “*Come away from the window! You don’t want to be a child left behind, do you?*” (em português: “Se afasta da janela, querida, você não vai querer ficar “pra trás”, certo?”). A composição da charge ainda nos mostra o interior da sala de aula todo em preto e branco, inclusive os alunos, mas a paisagem vista

pela janela, bem como, o reflexo desta no rosto da menina apresenta-se de forma colorida, conforme vemos na figura 1.

Isto posto, propomos o questionário que além da charge em duas versões, sendo elas inglês (original) e português, continha quatro questões com base em algumas dimensões, sendo elas:

1. Social: O que podemos perceber ao visualizarmos a presente charge?
2. Ideológica: Quais ideias esta charge nos apresenta?
3. Social/Política: A partir de sua análise, qual tem sido o papel da escola no tempo atual, perante a globalização e a fortificação da sociedade capitalista?
4. Conceitual/Científica: Qual é a função da escola enquanto instituição?

A intenção do questionário foi que os alunos discorressem em linhas gerais algumas provocações que a charge analisada proporcionava, expondo seus respectivos posicionamentos diante do conteúdo temático. Para Kleiman (2004), o processo de compreensão de um texto é caracterizado pelo acionamento dos conhecimentos prévios, isto é, o sujeito faz uso do que ele já sabe, dos conhecimentos adquiridos durante sua vida, sejam eles linguísticos, textuais ou de mundo, para fazer a leitura de determinado gênero e, sem este acionamento talvez não houvesse compreensão. O conhecimento prévio permite ao leitor fazer inferências de modo que o texto torne-se coerente, por isso, é importante que sejam valorizados durante a leitura de um gênero, de modo que não haja a mera recepção passiva destes. Contudo, há de se considerar que fazer a leitura com ideias inalteráveis e crenças imutáveis dificulta a compreensão.

A concretização dos objetivos do autor, no caso o chargista, acontece por meio de elementos linguísticos e gráficos, os quais o leitor se apoia para fazer sua compreensão. O leitor não só recebe como também constrói um significado para o texto. Segundo Kleiman (2004, p. 65)

Mediante a leitura, estabelece-se uma relação entre leitor e autor que tem sido definida como de responsabilidade mútua, pois ambos têm a zelar para que os pontos de contato sejam mantidos, apesar das divergências possíveis em opiniões e objetivos.

Portanto, compreender um texto é captar o exterior, as semelhanças e diferenças, a intenção, é chegar ao íntimo. Podemos perceber que em uma charge, todo esse processo acontece desde a escolha dos personagens ou elementos por parte do

chargista, até a verbalização dos pontos de vistas por parte do leitor. Na charge, a intencionalidade certamente é alvo do chargista e do leitor. Sempre que nos deparamos com esse tipo de texto nos perguntamos “O que ele quis dizer com isso?” Isso significa dizer que esse texto não é neutro e não se preocupa com a censura.

A fim de levantar alguns dados e confrontá-los entre si e com a base teórica, descreveremos alguns dos entendimentos feitos pelos alunos sobre o conteúdo da charge, possibilitando-nos inferir se realmente o uso da charge pode conduzir à reflexão e servir de instrumento dos processos de ensino e de aprendizagem. Abordaremos cada uma das dimensões propostas com base nas respostas trazidas pela análise dos alunos.

Na primeira questão, quando questionados sobre o que podiam perceber ao visualizarem a presente charge, os alunos compreenderam-na como: “produção acima de tudo, em série, a criatividade sempre cerceada” (Aluno 1). “[...] desvalorização das relações humanas e a cobrança pelo comportamento produtivo” (Aluno 2). “A alienação presente no comportamento dos alunos e o ensino como a recepção de um conhecimento pronto e absolutamente igual para todos (reprodução/transmissão)” (Aluno 3). “Que os alunos estão rotulados, condicionados pelas atitudes do professor, não existe a busca pela necessidade do aluno” (Aluno 4). “A imagem mostra a escola tradicional, no qual, para a aprendizagem é necessário apenas a apreensão do conteúdo passado pelo professor de forma vertical. A criança que quebra com esse padrão leva o rótulo de atrasada, indisciplinada, etc.” (Aluno 5). “O tradicional, a alienação, aulas mecânicas, alunos robôs” (Aluno 6). “Alienação, pois a professora não permitia um outro olhar para o aluno, não deixava que eles refletissem” (Aluno 7). “Que a visão do professor está voltada para o conteúdo escolar” (Aluno 8). “A percepção de mundo, do que está acontecendo fora da sala de aula, a criança é podada, mesmo que seja algo que vai acrescentar em sua formação” (Aluno 9). “Podemos perceber a escola comparada com uma indústria cujo objetivo é a produção” (Aluno 10). “Que a professora tem uma pedagogia tradicional” (Aluno 11).

Observou-se nas falas dos alunos que suas compreensões a respeito dessa dimensão social da charge assumem um olhar voltado para conceitos como o de alienação de “alunos robôs” e “produção acima de tudo”. Mas, alienação e produção de quê? Mentos e corpos voltados para o capital? Logo, vemos nas respostas que a charge traz uma desvalorização da formação crítica do aluno, sendo enfatizado o ensino tradicional, mecânico, voltado para a formação de alunos que possam reproduzir o sistema vigente e não o questionar.

Portanto, o aspecto social da referida charge aborda características típicas dos reflexos do sistema capitalista presente no âmbito escolar. A escola aparentemente se apresenta preocupada com o sucesso do estudante, entretanto, nas entrelinhas, não permite aos mesmos ir além do que está posto. A charge deixa isto bem claro na medida em que um dos personagens vai até a janela no intuito de perceber o que está acontecendo para além das quatro paredes que o cerca, isto é, não admite ser vedado dos conhecimentos que o emancipe, até que ironicamente é impedido de assim fazer por meio do discurso de que se não for igual aos demais ficará para traz. Implicitamente, a escola tem colocado que não seria interessante o aluno se afastar do conhecimento que de fato permite ver além do que está posto.

As pessoas vão se tornando alheias à realidade do mundo globalizado – denominado de sociedade capitalista – isto é, alienadas por valores petrificados nos quais ninguém é capaz de enxergar os problemas sociais existentes. O conceito de alienação é baseado em uma construção histórica, posto que há muito tempo vem sendo imortalizado pela classe dominante. Nesta concepção, o poder é mantido por um pequeno grupo de pessoas composto por líderes, enquanto a maioria maciça – pela ausência de reflexão e, muitas vezes, de conhecimento – é levada a ser dominada, mantendo-se submissa para servi-lo.

Segundo Marx (1932), a alienação na sociedade contemporânea constitui-se da propriedade privada, da ganância, da separação entre trabalho, capital e terra, da troca e da competição, do valor e desvalorização do homem, do monopólio e da competição, isto é, do sistema do dinheiro. Portanto, vivemos em uma sociedade na qual aqueles que detêm o poder econômico dão as regras e determinam o caminho a ser seguido, criando a ideologia do capital.

Partindo desta premissa, temos uma sociedade dividida em duas classes antagônicas: burguesia (dominantes) e proletariado (dominados). Na relação entre ambas, os dominantes se configuram, segundo Heller (apud PATTO, 2008), naqueles que se apropriam dos costumes e valores vigentes, de modo a consolidar a coesão da integração social. Ou seja, aqueles que não querem abrir mão do seu domínio, de modo a continuar o ciclo capitalista, em que a mais-valia é produzida na fábrica e vendida no mercado e, o trabalhador por sua vez vende sua força de trabalho para poder sobreviver. Essa espécie de opressão está na estrutura da sociedade, conforme nos afirma Marx (1932, s.d.)

[...] quanto mais o trabalhador produz, tanto menos tem para consumir; quanto mais valor ele cria, tanto menos valioso se torna; quanto mais aperfeiçoado o seu produto, tanto mais grosseiro e informe o trabalhador; quanto mais civilizado o produto, tão mais bárbaro o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, tão mais frágil o trabalhador; quanto mais inteligência revela o trabalho, tanto mais o trabalhador decai em inteligência e se torna um escravo da natureza.

Dessa forma, ao invés de realizar o homem, o trabalho escraviza-o e em vez de humanizá-lo, o desumaniza, pois, este tem de se submeter ao sistema de produção sem desfrutar dos benefícios.

Nessa perspectiva, a escola tem reproduzido todo esse sistema em sala de aula, convertendo os alunos em indivíduos reféns perante a ideologia do capital, na qual a insatisfação e o desejo de sempre um algo a mais nos conduz ao consumismo. Portanto, o mundo contemporâneo se encontra cego pela sociedade capitalista, o que vem impedindo os indivíduos de perceberem a realidade social e, fazendo-os, por sensações breves e limitadas de poder, acomodarem a capacidade crítica, trazendo a tona o domínio e a submissão por meio de normas de convívio.

Outro questionamento feito aos alunos, cuja dimensão era ideológica, indagava-os sobre quais ideias a charge apresentava e, obtivemos as seguintes respostas: “diz o padrão que sempre deve ser seguido” (Aluno 1). “O conhecimento acadêmico é valorizado em detrimento ao conhecimento empírico” (Aluno 2). “A ideia de todos iguais, padronizados no conhecimento imposto pela professora que deve ser absorvido pelos alunos” (Aluno 3). “A educação pelo consenso, o discurso da classe dominante não é contestado pelas pessoas que estão alienadas em produzir. Também, que somente quando estamos produzindo estamos vivendo. A castração do aluno” (Aluno 4). “Que a criança acha a escola chata, pois lá fora tem sons legais, que todas as crianças são “programadas” a seguir o que o professor pede, mas que se uma desviar ou quiser fazer diferente será levada a agir igual para não sair a “norma”, não ser rotulada, não ficar para trás” (Aluno 5). “Uma escola em que os alunos não podem ver o novo, o diferente, em que a regra é simples: cada um em seu lugar, sem interagir, e com certeza realizando a repetição, atividades de forma mecânica” (Aluno 6). “Alienação, consumismo” (Aluno 7). “Ideia de escola tradicional, com ensino rigoroso que confunde adestramento e educação, é enciclopédica, exata, onde a relação aluno professor é focada na transmissão do conhecimento, que é propriedade do professor” (Aluno 8). “A charge passa a mensagem de que todos os alunos precisam caminhar juntos, sua atenção devendo sempre estar na mesma coisa” (Aluno 9) “O papel da escola tem sido o de reprodução do sistema

capitalista, nos passando uma falsa ideia de que por meio dela é possível ocupar uma posição social mais elevada” (Aluno 10). “Que os alunos são receptores, devem apenas receber informações e o professor é o único detentor do conhecimento” (Aluno 11).

Novamente vemos a ideia de reprodução do sistema capitalista, deixando de lado os interesses dos alunos. Uma palavra chama a atenção na resposta de um dos alunos na qual ele afirma a “castração” dos alunos. Ora, nota-se no discurso que é exatamente isso que vem acontecendo, a escola tem ignorado o conhecimento prévio do aluno e valorizado apenas aqueles conhecimentos que tem como base os interesses da classe dominante. Desse modo, o aluno não tem perspectiva acerca da realidade em que se encontra inserido, uma vez que, em boa parte das escolas, lhe é imposto o modo como deve agir e pensar. Além disso, há uma alusão à ascensão social da classe menos favorecida, própria do ideário neoliberal. Seu discurso é que as diferenças sociais existem devido às diferenças de natureza, talento e esforço e, a desigualdade social tem sua gênese na falta de interesse do indivíduo, significando que o “conhecimento” é oportunizado a todos e o sucesso ou insucesso é individualizado. Ao fazer isso, as diferenças entre os alunos, seus conhecimentos próprios e seus modos de aprender são ignorados e deixados de lado, uma vez que o deixará para trás.

Para Martins (2004), o processo educacional tem dado ênfase à formação de competências, tendo como objetivo o treinamento dos alunos com vistas à organização do mercado, a sua adaptação de modo passivo às exigências imposta pelo capital. Diante disso, o foco tem sido a inserção do indivíduo ao mercado de trabalho,

[...] a política educacional vigente embala o sonho (ingênuo?!) de um sistema educacional comprometido com o sucesso profissional dos indivíduos, entendendo-se por sucesso profissional o enquadramento da força de trabalho humano como recurso para a adaptação funcionalista, tão bem entalhada pela ideologia da empregabilidade (MARTINS, 2004, p. 54).

Em síntese, é deixado de lado o que realmente é essencial para a formação do sujeito, a criticidade e a busca pelo conhecimento passam a ocupar as prioridades secundárias.

Em relação à dimensão social/política, na qual solicitado que após a análise da charge dissertassem qual tem sido o papel da escola no tempo atual, perante a globalização e a fortificação da sociedade capitalista tivemos como respostas as seguintes colocações: “ainda de reprodução do conhecimento” (Aluno 1). “Apesar da preocupação com a formação de sujeitos críticos e transformadores a escola ainda é

reprodutora dessa sociedade. Este é o paradigma a ser superado” (Aluno 2). “Muitas vezes a escola adapta os alunos para reproduzir o que almeja o estado. O conhecimento se torna uma mercadoria comprada pelo estado e distribuída para os alunos, conforme o resultado que se espera” (Aluno 3). “A escola infelizmente está conivente com o discurso da classe dominante que hoje está muito suave, mas não menos corrosivo. Existem poucas exceções de profissionais que conseguem trabalhar o conteúdo de forma crítica” (Aluno 4). “De reprodução dessa mesma sociedade, os professores, alunos e organização do contexto escolar mantêm o que é vivido na sociedade sem questionamento e o pior, com conformismo, sendo que é pela educação que se poderia formar o ser crítico” (Aluno 5). “A escola é induzida a realizar atividades, a ministrar aulas que façam do aluno um ser pensante, crítico perante os acontecimentos à sua volta. Entretanto, ao final de cada bimestre, devem realizar avaliações. Dessa forma, percebe-se que o aluno aprende a criatividade, mas não a põe em prática. Ou o sistema de avaliação é falho, ou estamos percorrendo o caminho errado no que se diz respeito à tendência praticada, mais provável é a primeira opção” (Aluno 6). “A escola não colabora para que o aluno tenha autonomia, os alunos buscam o consumismo, encontram-se alienados” (Aluno 7). “O papel da escola é garantir a aprendizagem dos alunos, oferecendo um ensino de qualidade, voltado para realidade do aluno, suas necessidades, e que ofereça condições para enfrentar as adversidades do dia-a-dia. Perante a globalização e a fortificação (a escola) o papel da escola tem sido fundamental para formar alunos com senso crítico e reflexivos” (Aluno 8). “A escola apresenta o papel de formar os alunos da mesma forma, sempre nos mesmos padrões e no mesmo ritmo” (Aluno 9). “O papel da escola tem sido a de reprodução do sistema capitalista, nos passando uma falsa ideia de que por meio dela é possível ocupar uma posição social mais elevada” (Aluno 10). “Infelizmente, ainda, continua tradicional, excludente e etilizada” (Aluno 11).

As respostas dos alunos foram quase que unânimes no sentido de que a escola tem compactuado com o discurso da classe dominante, de reprodução da sociedade capitalista, a busca incessante pelo capital e conseqüente ênfase à divisão de classes.

Em se tratando de uma sociedade capitalista em que a escola é vista como um aparelho social reprodutor das relações dominantes, a charge explicita a produção e a reprodução da força de trabalho muitas vezes implícito no processo educativo que ocorre no contexto da escola. Aqui cabe enfatizar a questão da alienação, a criação de aparatos para manter a divisão de classe, conforme já foi mencionado anteriormente. A escola enquanto instituição social, tida como lócus por excelência de formação do sujeito, serve

a propósitos da sociedade capitalista em que está inserida e, como tal deixa aquém sua função de emancipar o homem por meio dos conhecimentos sistematizados de modo que perpetua uma sociedade excludente. Nesta perspectiva, a charge apresenta características pertinentes à lógica da escola atual.

A última questão a ser respondida no questionário tinha como dimensão conceitual/científica e questionava qual é a função da escola enquanto instituição. À vista, os alunos apontaram que: “possibilita o acesso ao conhecimento levando em consideração os aspectos cognitivos, sociais, afetivos, culturais, políticos e econômicos” (Aluno 1). “A escola é a instituição responsabilizada pela disseminação da cultura humana às novas gerações” (Aluno 2). “A função da escola é socializar o conhecimento, mas não como um “produto” acabado, mas visando a (re)construção de novos saberes, contribuindo para a transformação da sociedade e dos indivíduos nela inseridos” (Aluno 3). “Trabalhar de forma contextualizada os conteúdos de forma a resgatar os conhecimentos adquiridos historicamente pelo homem, levando o aluno do saber simples, do bom senso, para o conhecimento científico (saber elevado)” (Aluno 4). “Formação crítica do indivíduo, a construção de um ser transformador da sociedade, que consiga analisar além do senso comum, daquilo que está dado, para um indivíduo pensante e consciente de sua realidade” (Aluno 5). “A escola é o local em que o aluno, por meio da mediação do professor, se apropria de novos saberes, para enfim mudar de atitude perante a sociedade” (Aluno 6). “Promover uma reflexão crítica acerca da sociedade capitalista, levar o aluno a uma ação que permita o desenvolvimento científico e humano” (Aluno 7). “Enquanto instituição a função da escola é formar cidadãos, para que aprenda a viver em sociedade (ciente de deveres e obrigações). Formar conceitos, socializar, e ser capazes de compreender a realidade em que vivem preparados para participar da vida econômica, social e política do país e aptos a contribuir para a construção de uma sociedade mais justa” (Aluno 8). “A escola assumiu o papel de padronização do cidadão” (Aluno 9). “A função da escola deveria ser a emancipação do ser humano, a uma ampliação da visão crítica do que está posto, é ir além da reprodução desse sistema que reproduz ao invés de modificar” (Aluno 10). “O papel social da escola é proporcionar o saber científico, um espaço onde o educando tem a oportunidade de adquirir o conhecimento formal. Porém, ela acaba sendo paternalista não conseguindo exercer o seu papel que é de formar e informar” (Aluno 11).

Como podemos perceber, os alunos apontaram a função da escola como espaço para a transmissão dos conhecimentos científicos historicamente produzidos e

acumulados pela humanidade, de modo a formar o cidadão crítico e pensante que questione o modo vigente de sociedade.

Portanto, na falta de percepção caracterizada pela alienação de uma sociedade, somente aquele que possui a vontade de ver, isto é, que se dispõe a refletir e questionar o que está posto, consegue se desprender das relações de dominação e viabilizar o processo de tomada de consciência de si e do meio social ao qual pertence. Nesse entendimento, tal ausência de percepção tem origem nas relações sociais cotidianas e pode ser concebida como um conjunto de falsas verdades que dissimulam a realidade, dominam o vivido e impedem a busca do novo, é a ausência da percepção sobre o mundo e seus problemas.

O desconhecimento que encobre o mundo contemporâneo e que aliena os indivíduos, conduzindo-os a viverem de acordo com as imposições da sociedade capitalista, não se encontra distante do contexto escolar, visto que estes mesmos indivíduos mantêm contato com a escola, seja como gestor, coordenador pedagógico, professor, aluno ou família. Desta forma, nós, enquanto profissionais da educação, também não estamos percebendo a realidade ao aderirmos e reproduzirmos tais regras sem nenhum questionamento ou reflexão, confirmando a cegueira caracterizada pelo filme.

Na educação, a alienação está presente nas práticas escolares que tem como foco obter competências para dar continuidade ao modelo de sociedade compatível com as necessidades do modo de produção capitalista. Nesse sentido, a escola acaba assumindo em sua esfera pedagógica a função da esfera do capital, desempenhando papel fundamental na reprodução dos valores sociais presentes no universo da classe econômica dominante. Assim, devido ao fato de a alienação consistir de um mundo manipulado, de falsa aparência, contrapondo-se ao que realmente é essencial, é preciso ter em mente que cidadão se quer formar e para que se quer formar.

Mediante os fatos mencionados, devemos pensar em uma escola que vá além dessa dimensão superficial da realidade, possibilitando ao sujeito “abrir os olhos” perante a realidade, ou seja, tendo conhecimento acerca da própria vida em sociedade e levando-o a solucionar os problemas com os quais se depara neste mundo marcado pela luta de interesses. Assim, os processos de ensino e de aprendizagem devem centrar-se na formação do cidadão crítico, que questione o sistema vigente e seja capaz de se desfazer das amarras que o alienam.

A educação constitui-se de um processo pelo qual o homem obtém seus atributos essenciais históricos e sociais. Martins (2004) a considera como condição necessária para que o sujeito desenvolva capacidades ontológicas essenciais, isto é, o papel do ato educativo é a humanização deste ser, uma vez que sua formação como ser humano é uma formação social, portanto, “é ao se objetivar socialmente que o homem desenvolve suas capacidades, suas habilidades, seus sentidos, enfim, as propriedades que lhe conferem a condição de ser universal” (MARTINS, 2004, p. 59).

É preciso ter em mente que a escola não é a única responsável pela superação da condição de alienação, isto é, das estruturas alienadas e alienantes. Entretanto, há uma relação dialética entre educação e sociedade, visto que a educação possui a importante função de construir e transformar a realidade social, “a verdadeira educação é a transformação histórica do ser em direção a um ideal humano superior, tendo neste ideal a abolição das condições e instituições que alienam o trabalho e o trabalhador, para que ele possa objetivar sua atividade vital de modo consciente, social, universal e livre” (MARTINS, 2004, p. 63).

Ademais, é essencial destacar o papel assumido pelos conhecimentos historicamente sistematizados, no qual se constituem fonte para que haja a apropriação e humanização dos sujeitos. “A educação coloca-se então com a função de instruir e adaptar, preparando a inteligência para resolver problemas concretos de uma realidade imediata circunscrita às necessidades primárias de sobrevivência” (MARTINS, 2004, p. 67)

Portanto, cabe à educação o papel de auxiliar na construção de uma consciência crítica da realidade, com vistas à superação da condição de alienação, possibilitando a resistência e não a adaptação.

Dessa forma, o fortalecimento das rupturas necessárias a uma educação emancipatória conduz na direção do questionamento e da negação do ideário que iguala o trabalho, condição para a humanização dos homens, e o emprego, condição para a venda da força de trabalho e sua decorrente coisificação, colocando no centro deste questionamento a historicidade da existência humana e as possibilidades de transformação (MARTINS, 2004, p. 71).

Nesse sentido, a escola enquanto instituição não pode colocar como principal objetivo o ajustamento de seus alunos às exigências da sociedade, mas sim estimular a reflexão e criticidade. Isto é, sua finalidade primária tem de ser a formação de sujeitos conscientes de seus próprios direitos e deveres, de modo que sejam capazes de interferir de forma ativa para a edificação de uma sociedade mais justa e igualitária.

## Considerações finais

Ao desenvolvermos este estudo, podemos reconhecer a charge como gênero textual na medida em que esta se encontra presente em nosso dia-a-dia com o objetivo de comunicação, transformando-se em um instrumento de difusão cultural e de formação educacional para os sujeitos. Além disso, a charge possui todas as características de um gênero textual, pois, para sua produção há o chargista que com base em algum tema usa certas formas para atingir o leitor e, conseqüentemente, agir sobre o meio.

Por se constituir de um meio de crítica à ideologia e aos problemas sociais existentes, a leitura de charge não pode ficar presa a leituras que conduzem a uma única interpretação, estável e universal. Uma vez que não é neutra, isto é, carregada de crenças, valores e ideologias, a charge pode ser considerada como um meio de produção de sentidos e, desse modo, pode ser trabalhada com várias finalidades.

É interessante que a escola, em qualquer que seja o nível de ensino, introduza o trabalho com os gêneros textuais e, principalmente, com a charge na prática escolar. O importante é que a ênfase dada adquira uma nova postura, objetivando as significações que estes não de gerar e não apenas suas propriedades formais. Portanto, o professor pode criar estratégias de ensino que priorizem a mudança do aluno em relação ao domínio sobre os gêneros e a comunicação que estes permitem. Afinal, esse trabalho oportuniza a aquisição de inúmeros conhecimentos aos alunos, proporcionando diferentes caminhos para o acesso à escrita, a definição de especificidades de funcionamento dos diferentes gêneros, as operações de linguagem que estão intimamente relacionadas ao agrupamento destes e, a exigência do desenvolvimento das capacidades dos educandos com vistas à reflexão acerca das relações sociais do sujeito.

Devido ao fato de a charge constituir-se de um texto que está presente no contexto de letramento dos alunos, o trabalho por parte do professor com este gênero permite o entendimento da função social, dos aspectos culturais políticos, bem como das características e significados do mesmo. Assim sendo, a análise da realidade atual do mundo por meio deste instrumento, contribui ao ampliar as capacidades linguísticas e discursivas do aluno, além de desenvolver sua criticidade e reflexão, tornando-se um sujeito ativo e participativo.

Na análise dos dados trazidos pelos questionários foi nítido o quanto a charge viabilizou tal criticidade e reflexão acerca do seu conteúdo, no caso a alienação da educação perante a globalização e a fortificação da sociedade capitalista. Os alunos

discorreram as principais ideias que a charge apresentava apontando seus pontos de vistas e posicionamentos perante a crítica humorística que esta apresentava.

No contexto da charge apresentada, verificamos, ainda, a visão dos alunos de que apesar da escola constituir-se em um espaço para a transmissão dos conhecimentos científicos historicamente produzidos e acumulados pela humanidade, de modo a formar o cidadão crítico e pensante que questione o modo vigente de sociedade, ela tem compactuado com o discurso da classe dominante, de reprodução da sociedade capitalista, a busca incessante pelo capital e conseqüentemente a ênfase a divisão de classes. Diante disso, cabe-nos refletir: Será que na posição de educadores não somos responsáveis por essa conversão do verdadeiro papel da escola enquanto instituição que forma sujeitos? Aliás, formamos sujeitos ou indivíduos?

Enfim, com este estudo pretendeu-se abrir um debate acerca das possibilidades de trabalho com o gênero textual charge em sala de aula, estimulando o senso crítico e a observação do mundo ao redor. E, como descrevemos na análise das respostas dos alunos, a charge propiciou gestos de interpretação diferentes, afinal, envolve a leitura sensorial que engloba os sentidos da visão, tato, e até mesmo da audição, olfato e paladar e, a leitura emocional que abrange os desejos e as preferências. Os alunos participantes da pesquisa trouxeram para o questionário a leitura de mundo que já dispunham e, unindo-a a charge puderam compor o quadro com seu próprio ponto de vista. Portanto, concluímos que atingimos nossos objetivos, principalmente ao mostrar que a interpretação de uma imagem é capaz de avivar em nós crenças, valores e convenções que decorrem da experiência pessoal e social.

## Referências

CHARGE. In: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2009. p. 451.

GASPARIN, João Luiz. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

KLEIMAN, Angela. *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 9. ed. Campinas: Pontes, 2004.

LESSA, David Perdigão. O gênero textual charge e sua aplicabilidade em sala de aula. *Travessias*. n. 1. Disponível em: <[http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed\\_001/linguagem/O%20G%CANERO%20TEXTUAL%20CHARGE%20E%20SUA.pdf](http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_001/linguagem/O%20G%CANERO%20TEXTUAL%20CHARGE%20E%20SUA.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

LUCIANO, Jociane da Silva. *O gênero discursivo charge e as condições de produção*. Disponível em: <<http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/119-Artigo.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

MAGALHÃES, Amarildo Pinheiro. *Sentido, história e memória em charges eletrônicas sobre o governo Lula: os domínios do interdiscurso*. 2006. 247 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. Disponível em: <[http://www.uems.br/site/nehms/arquivos/53\\_2014-04-04\\_12-17-14.pdf](http://www.uems.br/site/nehms/arquivos/53_2014-04-04_12-17-14.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2014

MARTINS, Lígia Márcia. Da formação humana em Marx à crítica da pedagogia das competências. In: DUARTE, Newton (Org.). *Crítica ao fetichismo da individualidade*. Campinas: Autores Associados, 2004.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

NORMAL\_WINDOW. Altura: 400 pixels. Largura: 306 pixels. 67.2 Kb. Formato: JPG. Disponível em: <<http://www.lem.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=170&evento=34>>. Acesso em: 14 maio 2014.

PATTO, Maria Helena Souza Patto. Vida cotidiana e preconceito: notas a partir da antropologia marxista de Agnes Heller. In: CROCHÍK, José Leon (Org.). *Perspectivas teóricas acerca do preconceito*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. p. 9-25.

ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales. Apresentação: Gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004. p. 7-16.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim et al. *Gêneros orais e escritos na escola*. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SILVA, Carla Letuza Moreira. *O trabalho com charges na sala de aula*. Disponível em: <[http://www.nre.seed.pr.gov.br/irati/arquivos/File/BIOLOGIA/charges\\_sala-de-aula.pdf](http://www.nre.seed.pr.gov.br/irati/arquivos/File/BIOLOGIA/charges_sala-de-aula.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2014.

SOUZA, Antonio Candido Mello e. A literatura e a vida social. In: \_\_\_\_\_. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2008. p. 17-35.

Submetido em 21-7-2014, aprovado em 07-09-2016